

LITERATURA

Contemporâneo

01 - (ENEM) Um cachorro cor de carvão dorme no azul etéreo de uma rede de pesca enrolada sobre a grama da Praça Vinte e Um de Abril. O sol bate na frente nos degraus cinzentos da escadaria que sobe a encosta do morro até a Igreja da Matriz. A ladeira de paralelepípedos curta e íngreme ao lado da igreja passa por um galpão de barcos e por uma casa de madeira pré-moldada. Acena para a velhinha marrom que toma sol na varanda sentada numa cadeira de praia colorida. O vento nordeste salgado tumultua as árvores e as ondas. Nuvens esparramadas avançam em formação do mar para o continente como um exército em transe. A ladeira faz uma curva à esquerda passando em frente a um predinho do século dezoito com paredes brancas descascadas e janelas recém-pintadas de azul-cobalto.

GALERA, D. Barba ensopada de sangue. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

A descrição, subjetiva ou objetiva, permite ao leitor visualizar o cenário onde uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam. O fragmento do romance caracteriza-se como uma descrição subjetiva porque

- a. constrói sequências temporais pelo emprego de expressões adverbiais.
- b. apresenta frases curtas, de ordem direta, com elementos enumerativos.
- c. recorre a substantivos concretos para representar um ambiente estático.
- d. cria uma ambiência própria por meio de nomes e verbos metafóricos.
- e. prioriza construções oracionais de valor semântico de oposição.

02 - (ENEM) Testes

Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet. O nome do teste era tentador: “O que Freud diria de você”. Uau. Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte: “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento”. Perfeito! Foi exatamente o que aconteceu comigo. Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise, e ele acertou na mosca.

Estava com tempo sobrando, e curiosidade é algo que não me falta, então resolvi voltar ao teste e responder tudo diferente do que havia respondido antes. Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver com minha

personalidade. E fui conferir o resultado, que dizia o seguinte: “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os 12 anos, depois disso você buscou conhecimento intelectual para seu amadurecimento”.

MEDEIROS, M. Doidas e santas. Porto Alegre, 2008 (adaptado).

Quanto às influências que a internet pode exercer sobre os usuários, a autora expressa uma reação irônica no trecho:

- a. “Marquei umas alternativas esdrúxulas, que nada tinham a ver”.
- b. “Os acontecimentos da sua infância a marcaram até os doze anos”.
- c. “Dia desses resolvi fazer um teste proposto por um site da internet”.
- d. “Respondi a todas as perguntas e o resultado foi o seguinte”.
- e. “Fiquei radiante: eu havia realizado uma consulta paranormal com o pai da psicanálise”.

03 - (ENEM) A literatura de cordel é ainda considerada, por muitos, uma literatura menor. A alma do homem não é mensurável e — desde que o cordel possa exprimir a história, a ideologia e os sentimentos de qualquer homem — vai ser sempre o gênero literário preferido de quem procura apreender o espírito nordestino. Os costumes, a língua, os sonhos, os medos e as alegrias do povo estão no cordel. Na nossa época, apesar dos jornais e da TV — que poderiam ter feito diminuir o interesse neste tipo de literatura — e da falta de apoio econômico, o cordel continua vivo no interior e em cenáculos acadêmicos.

A literatura de cordel, as xilogravuras e o repente não foram apenas um divertimento do povo. Cordéis e cantorias foram o professor que ensinava as primeiras letras e o médico que falava para inculcar comportamentos sanitários. O cordel e o repente fazem, muitas vezes, de um candidato o ganhador da banca de deputado. E assim, lendo e ouvindo, foi-se formando a memória coletiva desse povo alegre e trabalhador, que embora calmo, enfrenta o mar e o sertão com a mesma valentia.

BRICKMANN, L. B. E de repente foi o cordel. Disponível em: <http://pt.scribd.com>. Acesso em: 29 fev. 2012 (fragmento).

O gênero textual cordel, também conhecido como folheto, tem origem em relatos orais e constitui uma forma literária popular no Brasil. A leitura do texto sobre a literatura de cordel permite

a. descrever esse gênero textual exclusivamente como instrumento político.

b. valorizar o povo nordestino, que tem no cordel sua única forma de expressão.

c. ressaltar sua importância e preservar a memória cultural de nosso povo.

d. avaliar o baixo custo econômico dos folhetos expostos em barbantes.

e. informar aos leitores o baixo valor literário desse tipo de produção.

04 - (ENEM) Reclame

Se o mundo não vai bem

a seus olhos, use lentes

... ou transforme o mundo

ótica olho vivo

agradece a preferência

CHACAL et al. Poesia marginal. São Paulo: Ática, 2006.

Chacal é um dos representantes da geração poética de 1970. A produção literária dessa geração, considerada marginal e engajada, de que é representativo o poema apresentado, valoriza

a. o experimentalismo em versos curtos e tom jocoso.

b. a sociedade de consumo, com o uso da linguagem publicitária.

c. a construção do poema, em detrimento do conteúdo.

d. a experimentação formal dos neossimbolistas.

e. o uso de versos curtos e uniformes quanto à métrica.

05 - (ENEM) Logia e mitologia

Meu coração

de mil e novecentos e setenta e dois

já não palpita fagueiro

sabe que há morcegos de pesadas olheiras

que há cabras malignas que há

cardumes de hienas infiltradas

no vão da unha na alma

um porco belicoso de radar

e que sangra e ri

e que sangra e ri

a vida anoitece provisória

centuriões sentinelas

do Oiapoque ao Chuí.

CACASO. Lero-lero. Rio de Janeiro: 7Letras; São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

O título do poema explora a expressividade de termos que representam o conflito do momento histórico vivido pelo poeta na década de 1970. Nesse contexto, é correto afirmar que

a. o poeta utiliza uma série de metáforas zoológicas com significado impreciso.

b. “morcegos”, “cabras” e “hienas” metaforizam as vítimas do regime militar vigente.

c. o “porco”, animal difícil de domesticar, representa os movimentos de resistência.

d. o poeta caracteriza o momento de opressão através de alegorias de forte poder de impacto.

e. “centuriões” e “sentinelas” simbolizam os agentes que garantem a paz social experimentada.

06 - (ENEM) Mesmo tendo a trajetória do movimento interrompida com a prisão de seus dois líderes, o tropicalismo não deixou de cumprir seu papel de vanguarda na música popular brasileira. A partir da década de 70 do século passado, em lugar do produto musical de exportação de nível internacional prometido pelos baianos com a “retomada da linha evolutória”, instituiu-se nos meios de comunicação e na indústria do lazer uma nova era musical.

TINHORÃO, J. R. Pequena história da música popular: da modinha ao tropicalismo. São Paulo: Art, 1986 (adaptado).

A nova era musical mencionada no texto evidencia um gênero que incorporou a cultura de massa e se adequou à realidade brasileira. Esse gênero está representado pela obra cujo trecho da letra é:

a. A estrela d'alva / No céu desponta / E a lua anda tonta / Com tamanho esplendor. (As pastorinhas, Noel Rosa e João de Barro)

b. Hoje / Eu quero a rosa mais linda que houver / Quero a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem. (A noite do meu bem, Dolores Duran)

c. No rancho fundo / Bem pra lá do fim do mundo / Onde a dor e a saudade / Contam coisas da cidade. (No rancho fundo, Ary Barroso e Lamartine Babo)

d. Baby Baby / Não adianta chamar / Quando alguém está perdido / Procurando se encontrar. (Ovelha negra, Rita Lee)

e. Pois há menos peixinhos a nadar no mar / Do que os beijinhos que eu darei / Na sua boca. (Chega de saudade, Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

07 - (ENEM) Aquarela

O corpo no cavalete
 é um pássaro que agoniza
 exausto do próprio grito.
 As vísceras vasculhadas
 principiam a contagem
 regressiva.

No assoalho o sangue
 se decompõe em matizes
 que a brisa beija e balança:
 o verde – de nossas matas
 o amarelo – de nosso ouro
 o azul – de nosso céu

o branco o negro o negro

CACASO. In: HOLLANDA, H. B (Org.). 26 poetas hoje. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

Situado na vigência do Regime Militar que governou o Brasil, na década de 1970, o poema de Cacaso edifica uma forma de resistência e protesto a esse período, metaforizando

- a. as artes plásticas, deturpadas pela repressão e censura.
- b. a natureza brasileira, agonizante como um pássaro enjaulado.
- c. o nacionalismo romântico, silenciado pela perplexidade com a Ditadura.
- d. o emblema nacional, transfigurado pelas marcas do medo e da violência.
- e. as riquezas da terra, espoliadas durante o aparelhamento do poder armado.

08 - (ENEM) Casa dos Contos

& em cada conto te conto
 & em cada enquanto me encanto
 & em cada arco te abraço
 & em cada porta me perco
 & em cada lanço te alcanço
 & em cada escada me escapo
 & em cada pedra te prendo
 & em cada grade me escravo
 & em cada sótão te sonho
 & em cada esconso me affonso
 & em cada cláudio te canto
 & em cada fosso me enforco

ÁVILA, A. Discurso da difamação do poeta.

São Paulo: Summus, 1978.

O contexto histórico e literário do período barroco-árquico fundamenta o poema Casa dos Contos, de 1975. A restauração de elementos daquele contexto por uma poética contemporânea revela que

- a. a disposição visual do poema reflete sua dimensão plástica, que prevalece sobre a observação da realidade social.
- b. a reflexão do eu lírico privilegia a memória e resgata, em fragmentos, fatos e personalidades da Inconfidência Mineira.
- c. a palavra “esconso” (escondido) demonstra o desencanto do poeta com a utopia e sua opção por uma linguagem erudita.
- d. o eu lírico pretende revitalizar os contrastes barrocos, gerando uma continuidade de procedimentos estéticos e literários.
- e. o eu lírico recria, em seu momento histórico, numa linguagem de ruptura, o ambiente de opressão vivido pelos inconfidentes.

09 - (ENEM) A Casa de Vidro

Houve protestos.

Deram uma bola a cada criança e tempo para brincar. Elas aprenderam malabarismos incríveis e algumas viajavam pelo mundo exibindo sua alegre habilidade. (O problema é que muitos, a maioria, não tinham jeito e eram feios de noite, assustadores. Seria melhor prender essa gente – havia quem dissesse.)

Houve protestos.

Aumentaram o preço da carne, liberaram os preços dos cereais e abriram crédito a juros baixos para o agricultor. O dinheiro que sobrasse, bem, digamos, ora o dinheiro que sobrasse!

Houve protestos.

Diminuíram os salários (infelizmente aumentou o número de assaltos) porque precisamos combater a inflação e, como se sabe, quando os salários estão acima do índice de produtividade eles se tornam altamente inflacionários, de modo que.

Houve protestos.

Proibiram os protestos.

E no lugar dos protestos nasceu o ódio. Então surgiu a Casa de Vidro, para acabar com aquele ódio.

ÂNGELO, I. A casa de vidro. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

Publicado em 1979, o texto compartilha com outras obras da literatura brasileira escritas no período as marcas o contexto em que foi produzido, como a

a. referência à censura e à opressão para alegorizar a falta de liberdade de expressão característica da época.

b. valorização de situações do cotidiano para atenuar os sentimentos de revolta em relação ao governo instituído.

c. utilização de metáforas e ironias para expressar um olhar crítico em relação à situação social e política do país.

d. tendência realista para documentar com verossimilhança o drama da população brasileira durante o Regime Militar.

e. sobreposição das manifestações populares pelo discurso oficial para destacar o autoritarismo do momento histórico.

10 - (ENEM)



Capa do LP Os Mutantes, 1968. Disponível em: <http://mutantes.com>. Acesso em: 28 fev. 2012

A capa do LP Os Mutantes, de 1968, ilustra o movimento da contracultura. O desafio à tradição nessa criação musical é caracterizado por

a. letras e melodias com características amargas e depressivas.

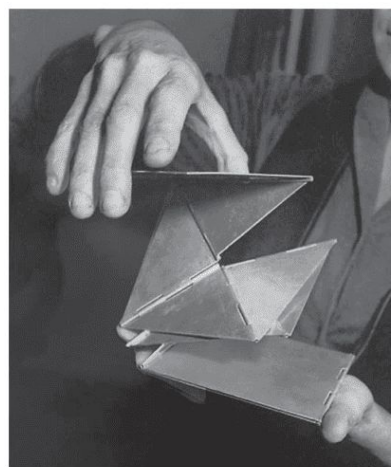
b. arranjos baseados em ritmos e melodias nordestinos.

c. sonoridades experimentais e confluência de elementos populares e eruditos.

d. temas que refletem situações domésticas ligadas à tradição popular.

e. ritmos contidos e reservados em oposição aos modelos estrangeiros.

11 - (ENEM)



CLARK, L. Bicho de bolso. Placas de metal, 1966.

O objeto escultórico produzido por Lygia Clark, representante do Neoconcretismo, exemplifica o início de uma vertente importante na arte contemporânea, que amplia as funções da arte. Tendo como referência a obra *Bicho de bolso*, identifica-se essa vertente pelo(a)

a. participação efetiva do espectador na obra, o que determina a proximidade entre arte e vida.

b. percepção do uso de objetos cotidianos para a confecção da obra de arte, aproximando arte e realidade.

c. reconhecimento do uso de técnicas artesanais na arte, o que determina a consolidação de valores culturais.

d. reflexão sobre a captação artística de imagens com meios óticos, revelando o desenvolvimento de uma linguagem própria.

e. entendimento sobre o uso de métodos de produção em série para a confecção da obra de arte, o que atualiza as linguagens artísticas.

12 - (ENEM) A questão toma por base um fragmento de uma peça do teatrólogo Guilherme Figueiredo (1915-1997).

A raposa e as uvas

(Casa de Xantós, em Samos. Entradas à D., E., e F. Um gongo. Uma mesa. Cadeiras. Um “clismos*”. Pelo pórtico, ao fundo, vê-se o jardim. Estão em cena Cleia, esposa de Xantós, e Melita, escrava. Melita penteia os cabelos de Cleia.)

MELITA: — (Penteando os cabelos de Cleia.) Então Rodópis contou que Crisipo reuniu os discípulos na praça, apontou para o teu marido e exclamou: “Tens o que não perdeste”. Xantós respondeu: “É certo”. Crisipo continuou: “Não perdeste chifres”. Xantós concordou: “Sim”. Crisipo finalizou: “Tens o que não perdeste; não perdeste chifres, logo os tens”. (Cleia ri.) Todos riram a valer.

CLEIA: — É engenhoso. É o que eles chamam sofisma. Meu marido vai à praça para ser insultado pelos outros filósofos?

MELITA: — Não; Xantós é extraordinariamente inteligente... No meio do riso geral, disse a Crisipo: “Crisipo, tua mulher te engana, e no entanto não tens chifres: o que perdeste foi a vergonha!” E aí os discípulos de Crisipo e os de Xantós atiraram-se uns contra os outros...

CLEIA: — Brigaram? (Assentimento de Melita.) Como é que Rodópis soube disto?

MELITA: — Ela estava na praça. CLEIA: — Vocês, escravas, sabem mais do que se passa em Samos do que nós, mulheres livres...

MELITA: — As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.

CLEIA: — É verdade. Gostarias de ser livre?

MELITA: — Não, Cleia. Tenho conforto aqui, e todos me consideram. É bom ser escrava de um homem ilustre como teu marido. Eu poderia ter sido comprada por algum mercador, ou algum soldado, e no entanto tive a sorte de vir a pertencer a Xantós.

CLEIA: — Achas isto um consolo?

MELITA: — Uma honra. Um filósofo, Cleia!

CLEIA: — Eu preferia que ele fosse menos filósofo e mais marido. Para mim os filósofos são pessoas que se encarregam de aumentar o número dos substantivos abstratos.

MELITA: — Xantós inventa muitos?

CLEIA: — Nem ao menos isto. E aí é que está o trágico: é um filósofo que não aumenta o vocabulário das controvérsias. Já terminaste?

MELITA: — Quase. É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm. Xantós beija os teus cabelos? (Muxoxo de Cleia.) Eu admiro teu marido.

CLEIA: — Por que não dizes logo que o amas? Gostarias bastante se ele me repudiasse, te tornasse livre e se casasse contigo...

MELITA: — Não digas isto... Além do mais, Xantós te ama...

CLEIA: — À sua maneira. Faço parte dos bens dele, como tu, as outras escravas, esta casa...

MELITA: — Sempre que viaja te traz presentes.

CLEIA: — Não é o amor que leva os homens a dar presentes às esposas: é a vaidade; ou o remorso.

MELITA: — Xantós é um homem ilustre.

CLEIA: — É o filósofo da propriedade: “Os homens são desiguais: a cada um toca uma dádiva ou um castigo”. É isto democracia grega... É o direito que o povo tem de escolher o seu tirano: é o direito que o tirano tem de determinar: deixo-te pobre; faço-te rico; deixo-te livre; faço-te escravo. É o direito que todos têm de ouvir Xantós dizer que a injustiça é justa, que o sofrimento é alegria, e que este mundo foi organizado de modo a que ele possa beber bom vinho, ter uma bela casa, amar uma bela mulher. Já terminaste?

MELITA: — Um pouco mais, e ainda estarás mais bela para o teu filósofo.

CLEIA: — O meu filósofo... Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras... (*) Espécie de cama para recostar-se.

(Guilherme Figueiredo. Um deus dormiu lá em casa, 1964.)

Entre as frases extraídas do texto, aponte a que consiste num raciocínio fundamentado na percepção de uma contradição:

- a. Tenho conforto aqui, e todos me consideram.
- b. As mulheres livres ficam em casa. De certo modo são mais escravas do que nós.
- c. É bom pentear teus cabelos: meus dedos adquirem o som e a luz que eles têm.
- d. Os filósofos são sempre criaturas cheias demais de palavras...
- e. Xantós é extraordinariamente inteligente...

13 - (ENEM) O espelho

Esse que em mim envelhece

assomou ao espelho

a tentar mostrar que sou eu.

Os outros de mim,

fingindo desconhecer a imagem,

deixaram-me a sós, perplexo,

com meu súbito reflexo.

A idade é isto: o peso da luz

com que nos vemos.

COUTO, Mia. Idades Cidades Divindades. Lisboa: Editorial Caminho, 2007

No poema, o eu lírico expressa

- a. fingimento em relação à percepção da idade.
- b. angústia pela percepção do envelhecimento.
- c. perplexidade com a proximidade da morte.
- d. estranhamento diante da imagem refletida.

14 - (ENEM)

Imagine uma cidade sem cinema, biblioteca ou livreria. Não é difícil, esta é mais ou menos a regra. Bem, se tal cidade existe, também não terá um teatro e, muito menos, um museu. Talvez nem mesmo um jornal, semanal que seja. Muitas não têm nada disso e, apesar de todo o prestígio da música popular, também não contam com uma casa de shows – loja de discos, nem pensar.

Donde essas cidades são habitadas por pessoas que nunca assistiram a um filme ou peça de teatro. Espetáculo de dança, esqueça. Nunca ouviram um concerto, nunca viram um quadro ou escultura importante e, bem provável, nunca leram um livro que não fosse o da lição. Da mesma forma, nunca recitaram ou ouviram um poema, não sabem o que é ópera e os cantores que conhecem é por ouvir falar.

Há muitas cidades assim no Brasil. E não pense que sejam burgos perdidos no sertão ou no meio da selva amazônica. Algumas são bem conhecidas pelo nome e ficam em estados prósperos e orgulhosos, mais perto de nós do que imaginamos. São dados do IBGE, colhidos no último recenseamento, não muito difíceis de consultar.

O que não falta nessas cidades é televisão – porque 95% dos lares brasileiros têm pelo menos um aparelho. Mas não é bom para ninguém, nem para a televisão, que ela seja o único contato das pessoas com o mundo. Claro que, não demora muito, todas terão internet e, quando isso acontecer, dar-se-á o fenômeno de cidades que passaram da cultura zero para o universo digital, onde supostamente cabe tudo, sem o estágio intermediário, milenar da cultura analógica.

Essas cidades podem ser zero em cultura, mas têm Prefeitura e Câmara Municipal. E, em época de eleição, candidatos a deputado, senador, governador, talvez até presidente, devem aparecer por lá, com grande cara de pau. Interessante país, este que estamos formando.

CASTRO, Ruy. Cultura Zero. Folha de São Paulo. São Paulo, 29 jun. 2011. Caderno Opinião, p.2

A última frase do texto – “Interessante país, este que estamos formando” – mostra que

- a. a ironia faz parte da personalidade dos governantes, que conhecem a carência intelectual e moral do povo e nada fazem para eliminá-la.
- b. é uma ironia admitir que, apesar do quadro negativo da cultura, o país é muito interessante porque a internet pode suprir a cultura zero de seu povo.
- c. há ironia nas palavras do autor ao constatar a limitada formação cultural do país, apesar de haver autoridades que poderiam investir nisso.

d.o tom é irônico dado que a ausência de meios de acesso aos bens culturais é decorrente do empenho dos políticos nas épocas de eleição.

e.não há ironia alguma, pois o desinteresse dos políticos pelo desenvolvimento cultural decorre dos altos custos de museus, teatros, exposições e cinemas

15 - (ENEM) Em todas as datas cívicas a máquina é agora uma parte importante das festividades. Você se lembra que antigamente os feriados eram comemorados no coreto ou no campo de futebol, mas hoje tudo se passa ao pé da máquina. Em tempo de eleição todos os candidatos querem fazer seus comícios à sombra dela, e como isso não é possível, alguém tem de sobrar, nem todos se conformam e sempre surgem conflitos. Felizmente a máquina ainda não foi danificada nesses esparramos, e espero que não seja.

A única pessoa que ainda não rendeu homenagem à máquina é o vigário, mas você sabe como ele é ranzinza, e hoje mais ainda, com a idade. Em todo caso, ainda não tentou nada contra ela, e ai dele. Enquanto ficar nas censuras veladas, vamos tolerando; é um direito que ele tem.

VEIGA, J. J. A máquina extraviada. In: MORICONI, I. Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000 (fragmento).

A presença do inusitado ou do fantástico na vida cotidiana é frequente na obra de José J. Veiga. No fragmento, a situação de singularidade experimentada pelas personagens constrói-se a partir do

- a.afastamento da religião tradicional.
- b.medo crescente diante da tecnologia.
- c.desrespeito político em âmbito municipal.
- d.impacto sociocultural das inovações.
- e.conflicto entre diferentes classes sociais.

GABARITO

01 – D

02 – E

03 – C

04 – A

05 – D

06 – D

07 – D

08 – E

09 – C

10 – C

11 - A

12 - B

13 - D

14 - C

15 - D